

PRODUÇÃO INTELECTUAL E ESCRITA FEMININA NA BAHIA (XIX-XX)

Dra. Márcia Maria da Silva Barreiros Leite
UEFS- Universidade Estadual de Feira de Santana / BA

Salvador, como algumas cidades do Brasil, acelerou o seu processo de urbanização somente no século XIX e a partir de uma série de intervenções que se estenderam de modo intermitente até as primeiras décadas do século XX, modificando estruturalmente a feição rural da antiga colônia portuguesa. Radiografar os espaços possíveis para o florescimento de uma cultura letrada significa reconhecer o desenvolvimento de instituições formais estáveis, no cenário urbano, que tinham como objetivo promover o cultivo das letras, num espírito gregário revestido de inúmeras distinções. Academias, institutos, gabinetes, grêmios, associações, bibliotecas, livrarias e escolas seriam os espaços nos quais poderíamos vislumbrar a presença do livro, em sua materialidade física e, perspectivar as suas possíveis formas de circulação no meio social.

A realidade nos mostra que estes espaços, oficialmente masculinos, não se proliferaram em nossa terra com tanta intensidade, como na cidade do Rio de Janeiro, sede do governo. Contudo, consideramos períodos de grande agito intelectual que dinamizaram a cidade a partir das suas instituições. O historiador Wanderley Pinho localiza no período entre 1850-1860, vigência do Segundo Reinado, uma época bastante animada para a Bahia, quando tiveram destaque os famosos salões, com seus bailes, soirées musicais, recepções e saraus literários nas residências das altas famílias baianas. O nome de Adelaide de Castro Alves Guimarães (1854-1940) era lembrado como o de grande dama, anfitriã de recepções na conhecida casa da Soledade, onde “se respirava a mais sadia atmosfera intelectual”.¹ A vida literária na Bahia atravessava, na opinião de Xavier Marques, o seu melhor momento do século XIX. Este autor situa entre 1850 e 1870 o aparecimento de aproximadamente cinquenta revistas e periódicos literários e científicos.² Machado Neto, por sua vez, alarga os marcos da periodização para a sociedade brasileira e considera que no período de 1870 a 1930 houve uma modernização social e cultural, centrada principalmente na nossa *Béle Époque* tardia.³

Que existiram surtos de manifestações artísticas-literárias não temos dúvida. O problema está em supervalorizar conjunturas e ampliar os seus efeitos. É importante ver o equilíbrio e entender que estas conjunturas fizeram desenvolver instituições/espços que fomentaram o costume e a prática da leitura e o exercício beletrista em setores da população, em particular, em setores que reuniam mulheres oriundas de um grupo social intelectualizado.

Durante quase todo o século XIX a sociedade de cunho senhorial-escravista privou a população do acesso as tais instituições, reduto quase exclusivo das elites enriquecidas com suas propriedades, seus engenhos, escravos e transações comerciais. No máximo, membros das camadas intermediárias da sociedade, receptoras e reprodutoras dos valores e hábitos das classes superiores, puderam partilhar de círculos sociais tão fechados. A tendência à rigidez das hierarquias sociais comuns às sociedades escravistas só paulatinamente sofreu modificações decorrentes dos processos de Abolição da escravatura e da implantação do regime político da República.

O Segundo Reinado (1840-1889) já acenava para a formação de uma aristocracia social e literária, num período devotado à antiguidade grega clássica, onde os literatos provincianos exercitavam cotidianamente a sua verve poética. Os intelectuais baianos procediam de grupos sociais heterogêneos, comportando: “funcionários públicos, professores de primeiras letras, professores da Faculdade de Medicina, estudantes, jornalistas, padres, bacharéis e médicos. Profissões diversas, assim como posições sociais e condição financeira também diversas”⁴.

Eles eram os responsáveis pela criação de uma representação ideológica que afirmava ser a sociedade baiana a *Atenas Brasileira*. A tradição se encarregou de construir uma memória gloriosa sobre este passado cultural, no qual predominavam a oratória, a retórica, o gosto e o cultivo pelas letras, o exercício poético, as disputas e polêmicas literárias e uma plêiade de homens que brilhavam nas tribunas locais e, às vezes, nacionais. Lembremos de Castro Alves (1847-1871), filho ilustre da terra e representante-mór de um grupo auto-identificado. Segundo seu biógrafo, Xavier Marques, o poeta abolicionista encarnava a glória da raça e da pátria brasileira. E de fato, o poeta condoreiro foi, praticamente, o único escritor baiano a ser reconhecido na -

cionalmente por uma crítica especializada em literatura nacional. Dentro dos rígidos critérios estéticos estabelecidos e da vigência de um cânone nacional instituído, a historiografia literária excluiu e ignorou inúmeros escritores e escritoras, o que significa excluir “grande parte do que se escreveu e leu no Brasil, desde o século XVII”.⁵ Nomes como o de Junqueira Freire, Francisco Moniz Barreto e Manoel Pessoa da Silva, expoentes da geração de poetas e signatários de uma literatura regionalmente diversificada, foram apenas citados e criticados pelo historiador da literatura José Veríssimo.⁶

Dada a situação, que tipo de (re) conhecimento esperar da historiografia literária quando nos referimos às poetas de outro sexo? Obviamente nenhum. As mulheres praticantes da leitura e da escrita vão figurar muito pouco nas nossas antologias, dicionários e histórias da literatura.

O momento histórico que se estende da última década do século XIX e vai até o segundo decênio do oitocentos, 1890 a 1915, é de real significação para se compreender a efervescência da poesia, gênero literário predominante e de maior consumo, inclusive pelo elemento feminino. Ocasão em que coexistiram as tendências românticas, parnasianas e simbolistas, dando visibilidade às permanências sócio-culturais que fizeram o século XIX se prolongar, em muitos aspectos, no século XX. Mentalidades e estilos mudavam lentamente, ao sabor das negociações e conflitos com o novo. A sociedade letrada continuava a eternizar os seus ícones: Castro Alves, endeusado após a sua breve existência, e Rui Barbosa, venerado ainda vivo, por muito tempo. Outros poetas que impulsionaram a vida intelectual da Bahia pareciam esquecidos, assim como esquecidas ficaram as mulheres para esta tradição.⁷ Esquecidas, porém nunca ausentes.

Às mulheres era vedada a arte literária. E esta discriminação começava com a própria elite local. Pedro Calmon em sua *História da Literatura Baiana* desfilou autores e obras que ajudaram a emprestar o apelido de *Atenas* a uma província do Norte.⁸ Não havia lugar para incluir os nomes femininos. Em meio a uma enxurrada de destaques masculinos surge um pequeno espaço para os denominados “poetas menores”. As baianas entram neste grupo: Ildefonsa Laura César, Anna Autran, Inês Sabino Pinto Maia, Maria Augusta da Silva Guimarães, Maria Clemência da Silveira Sampaio, Maria

Elisa de Mirando Chaves, Adelaide de Castro Alves Guimarães, Amélia Rodrigues, Maria Luísa de Souza Alves. Foram citadas ainda Violante Ataliba Ximenes de Bivar e Amélia Rodrigues como dramaturgas. Era preciso manter afastada a ameaça da entrada feminina no mundo das letras e uma possível concorrência nesta atividade.⁹ Sobre Adélia da Fonseca (1827-1920) há uma nota de exceção, quando Pedro Calmon a destaca como expressão literária, falando das possibilidades do seu estro caracterizado como “a delicadeza e ternura dos seus versos e a pureza dos sentimentos castos”. Calmon incorria no mesmo erro de uma crítica que julgava a produção literária das mulheres a partir de supostos pendores naturais, descaracterizando a autoria feminina. O historiador trabalhava com uma abordagem restrita sobre o cânone que em nada interessa à perspectiva feminista atual. Esta vem desconstruindo “um código autoritário veiculado com a finalidade de condicionar a produção literária feminina”. A crítica literária tradicional até bem recentemente, era formada exclusivamente por homens, que sempre atribuíam às escritoras um “estatuto inferior frente a um escritor”. Afirmavam também que a escrita feminina se associava “adequadamente” a temas e estilos dos romances sentimentais.¹⁰

Para Elaine Showalter, a crítica feminista não pode encontrar um “passado útil na tradição crítica androcêntrica”, mesmo porque, àquela possui compromissos com a análise da diferença.¹¹ Era a partir da primazia da escrita dos homens que inúmeras associações literárias reuniam poetas e escritores neste contexto, produzindo revistas enquanto veículos de divulgação da produção literária do grupo. Nunca a vida social baiana esteve tão relacionada à prática de versejar. As festas eram motivo para tal atividade. Mas as mulheres estavam presentes, demarcando territórios, se não formalmente, bordejando as margens, sombreando os seus maridos, filhos e parentes naqueles eventos. Estratégia utilizada para obterem inserção nos movimentos. De concreto, nomes femininos eram publicizados, apesar de sempre envoltos na noção de excepcionalidade. Caracterizadas por uma escrita que brotava do “*coração*”, segundo os críticos, algumas das praticantes da arte de Safo insistiam em aparecer. Além de Adélia Josefina de Castro Fonseca, já ressaltada por Pedro Calmon, temos outras mulheres dedicadas às letras: Maria Carolina Paiva, Ignez Maria Barbosa da Guia, Adelaide C. L. P., Joaquina J. N. da Cunha e Menezes, Telesila Bráulia de Miranda Veras, Maria José

Eutália Soares, Maria Augusta da Silva Guimarães, Anna Autran, Amélia Carolina de Oliveira, Anna Ribeiro de Góes Bittencourt, Amélia Rodrigues, Maria D' Araújo, Eutália Freire, Cândida Fortes, Honorina Galvão Rocha, Waldemira Bolívar, Alzira Melo, Maria Luisa de Souza Alves, Emília Leitão Guerra, Florianiana da Silva Gomes, Idalina Monteiro, Adelaide de Castro Alves Guimarães, Luiza Leonardo Boccanera, Eufrosina Miranda, Áurea Miranda, Maria Emilia Rocha, Adelaide L. de Langenschwarts Fróes, Priscila Spínola, Carmosina Uzel, Lina de Villar, Maria Augusta Pimentel Bittencourt, Maria Luísa de Souza Alves.¹⁴ As representações teatrais geravam também novas expectativas de sociabilidades culturais para homens e mulheres. O desembarque de companhias estrangeiras e do país, no porto de Salvador, favorecia momentos de alegria e ludicidade; ocasião para declamações e reverências aos artistas.

O Teatro São João, neste sentido, teve um papel significativo em termos social e cultural na vida baiana, colocando a cidade no caminho de um embrionário mundanismo. Maria Neves destaca que o teatro funcionou como um salão social e proporcionou ao elemento feminino uma vida mais ativa e próxima das atitudes européias.¹³

Neste, como em outros espaços, propícios a ebulição cultural da Bahia, percebemos o desenvolvimento de um público afeito aos discursos, às poesias, aos torneios, aos saraus artísticos, às conferências, às tertúlias literárias, às comemorações e homenagens. O clima instaurado pelo romantismo, que atravessou todo o século XIX, inspirava os versos de improvisos, os louvores patrióticos e laudatórios, os arroubos verbais de uma geração, como a de Castro Alves. Geração que em muito influenciou a leitura das jovens e a sua escrita, ajudando, outrossim, a acomodar às mulheres na função de musa inspiradora. As influências dos temas, estilos e modos de vida dos românticos vão marcar as leituras e a produções das escritoras baianas em sua maioria. Anna Ribeiro e Amélia Rodrigues são exemplares: a primeira, em sua produção de cunho moral, criticava a tendência realista da literatura, salvaguardando as mulheres dessa influência pouco recomendável ao seu sexo. No ano de 1885, Anna Ribeiro alertava os pais sobre a ascendência dos “maus romances” e das “leituras perigosas” para as mentes das moças. Alguns românticos não foram poupados na sua crítica. O escritor José de Alencar, para ela, tinha entre suas obras, romances pouco instrutivos e

moralistas. Já a segunda, Amélia Rodrigues, como dramaturga, seguiu os caminhos do romantismo, escrevendo muitas peças destinadas a “orientar o comportamento das jovens, principalmente da menina e da mocinha brasileira”. Havia, subjacente em seus textos, um claro objetivo de divulgar didaticamente e a partir de valores sentimentais, modelos femininos exigidos pela sociedade da época.¹⁴

Da informalidade da casa, da varanda, dos jardins e da biblioteca à formalidade dos bailes, saraus, festas cívicas e eventos literários, as mulheres transitavam cruzando fronteiras das esferas privada e pública, negociando funções, assumindo papéis em locais antes inimagináveis. O mundo cultural e literário se ampliava, impulsionando a criação de bibliotecas e livrarias, lugares de circulação. O público cultor das letras na Bahia utilizava-se de alguns meios disponíveis para ter acesso ao livro. A leitura se dava através do acervo disponibilizado na biblioteca pública e nas privadas, ou então pela aquisição do material em casas comerciais e livrarias. Os naturalistas Von Spix (1781—1826) e Martius (1794-1868), quando da visita à Bahia, disseram desconhecer livrarias, onde não descobriram nenhuma produção da literatura brasileira. A viajante Maria Graham, contudo, informava sobre os preços dos livros ‘extravagantemente caros’ de um livreiro situado na parte baixa da cidade de Salvador. Na metade do século XIX, há registros de que a Bahia tinha três livrarias comerciais: duas na cidade baixa e uma na cidade alta.¹⁵ De certo mesmo temos a livraria Catilina como uma das mais antigas, duradouras e anunciadas da capital. O catálogo de livros vendidos por esta casa-editora informa que a sua fundação ocorreu em 1835 por Romualdo dos Santos. A existência da Catilina também pode ser comprovada pelas memórias dos antigos.

Afrânio Coutinho e J. Galante de Souza confirmam que a Catilina foi a livraria mais antiga do Brasil, tendo sido “um centro de reunião das mais expressivas figuras da intelectualidade baiana”. Os seus proprietários foram: Carlos Pongetti, Serra Longa, Francisco Xavier Catilina, Romualdo dos Santos e Osvaldo dos Santos. Segundo as informações de memorialistas, a referida livraria, inaugurada na primeira metade do século XIX, sobreviveu até os anos cinquenta do século XX. Os seus catálogos de venda de livros, hoje documentos raríssimos, são prova cabal do negócio livreiro no meio social soteropolitano.¹⁶

Pesquisando o significado do jornal o *Diário da Bahia* para a sociedade baiana, no século XIX, Kátia Carvalho Silva nos informa sobre o costume da divulgação de listas de livros publicados nas inúmeras páginas do referido *Diário*. No geral, não havia uma citação bibliográfica completa, mas apenas indicava-se o nome do autor e o título da obra. O estudo também concluiu que as livrarias mais citadas naquele século, pelo importante periódico baiano, foram: Livraria e Tipografia Dous Mundos, Livraria Catilina e a Livraria da viúva Lemos.¹⁷

As mulheres, filhas e irmãs dos proprietários e fazendeiros rurais também deveriam ter acesso aos livros, através dos seus cônjuges em constantes viagens de trabalho ou de seus filhos e irmãos jovens estudantes. Em regiões afastadas da capital, as encomendas via catálogos devem ter funcionado. Leonídia Fraga, amiga de infância do poeta Castro Alves, moradora de Currálinho, povoado do interior baiano, apesar da vida simples, possuía leitura e uma educação aprimorada. Quando da volta do poeta à cidade em que nascera, para recuperar a frágil saúde, num gesto de afetividade e reencontro com a velha amiga sertaneja, Castro Alves solicita por carta, à irmã Adelaide, que lhe envie de Salvador o livro *A Delfina do Mal* e uma partitura da *Vida parisiense*, opereta de Jacques Offenbach, para presentear a Leonídia. Segundo a escritora Myriam Fraga, autora da biografia de Leonídia, muito ao contrário do que se pensa, as *moças de boa família* do interior, longe de *simplórias aldeãs*, possuíam conhecimentos de música e poesia, noções de língua francesa e outras leituras. Frequentavam saraus literários que não eram incomuns fora das cidades grandes.¹⁸

Assim como as variadas encomendas, os catálogos se constituíam numa possibilidade de aquisição e propaganda de livros. Eles formavam uma indicação, mesmo que indireta, de quem lia e o quê na cidade e no interior do Estado. Conseguimos compulsar algumas destas listas e avaliá-las como instrumento de divulgação num mundo que ainda se acostumava com o impresso. Abrindo o século XIX a lista dos livros colocados à venda pela tipografia Serva fornece pistas do gosto e preferências dos leitores baianos, bem como da produção literária, científica, filosófica e histórica predominante no período.¹⁹ Assinala ainda os limites impostos pela junta censória instituída para avaliar as publicações.

A escritora Anna Autran, numa atitude de afirmação intelectual e ousadia, registrou, listando publicamente os livros que leu, deixando entrever as origens e fontes que alimentaram a sua formação intelectual. Das obras filosóficas aos tratados de educação, a sociedade baiana oitocentista, perplexa, ficou sabendo o que lia uma moça branca, de elite e instruída aos quinze anos de idade, e, o mais revelador: com quais intenções e objetivos eram feitas tais leituras. Madame Sevigné, Stael e Sand eram referências para muitas leitoras e escritoras que o século XIX viu surgir. Não obstante as diferenças de estilos, abordagens temáticas, comportamentos e atitudes, as três nobres intelectuais reafirmavam idéias favoráveis à ampliação do espaço feminino na sociedade. As suas experiências de vida, nos círculos mundanos e literários do velho continente, influenciaram sobremaneira as nossas mulheres.²¹ Os seus nomes e obras permaneceram por um longo tempo disponíveis nas bibliotecas, livrarias e catálogos comercializáveis. Alexandre Passos informa no seu estudo sobre as academias literárias que as obras de George Sand tiveram muito êxito na Bahia. Parece que a influência da escritora feminista foi sentida em muitas brasileiras nas várias partes do país. A escritora Norma Telles também confirma a influência de George Sand no pensamento e escritos de nossas poetisas.²²

A literatura estrangeira, francesa / portuguesa / inglesa, tinha o seu lugar reservado, não como imposição, mas como um modelo a ser seguido e cultivado no mundo das letras. Obras eram festejadas em anúncios de jornais, róis de livreiros e almanaques, e, também aguardadas ansiosamente nas paquetas e navios a vapor que atracavam em nossos portos: *Ivanhoé* de Walter Scott; *Esplendor e Misérias das Cortesãs* de H. de Balzac; *O Cão de Baskervilles* de Conan Doyle; *A Guerra dos Mundos* de H. G. Wells; *Scenas da Vida Inglesa* de Carlos Dickens; *Bem Hur* de Lewis Wallace; *Donaciana* de René Bazin; *As Memórias de Judas* de Petrucelli Della Gatina; *Novellas Extraordinárias* de Edgar Poe; *Paulo e Virgínia* de Bernardin de Saint-Pierre; *A Cabana do Tio Thomaz* de Beccher Stowe; *Quo Vadis?* de Henrych Sienkiewicz.

A produção poética, por sua vez, com imensa tradição no Brasil, alimentava os nossos sentimentos e atitudes. Da *Ilíada* de Homero à *Divina Comédia* de Dante Alighieri, passando por *Hugonianas* de Victor Hugo e *Os Lusíadas* de Camões, o gênero literário da poesia permanecia quase insuperável. Preferências pelos versos à

brasileira, de poetas como Thomaz Antonio Gonzaga, Cláudio Manuel da Costa, Castro Alves e Casimiro de Abreu, continuavam em alta.

A demanda pela circulação de idéias, livros e impressos cresceu consideravelmente entre o século XIX e o século XX, por conta da liberação de tipografias e livrarias, bem com da expansão do ensino e do florescimento de instituições culturais. O lento processo de massificação do hábito leitor da Bahia relacionou-se também à fundação de jornais e revistas que acompanhavam de perto às transformações da cidade. A disseminação de novas ideologias e do saber escolarizado, livresco e didatizado produziu um acúmulo de conteúdos e conhecimentos a serem escoados pelas letras impressas. A identidade leitora dos brasileiros, e, em particular, dos baianos, se ampliou concomitantemente às possibilidades de livre circulação das idéias do país.

Com o avançar da sociedade burguesa republicana houve uma profusão de jornais e folhas diárias que rastreavam tanto os grandes fatos como os acontecimentos da vida cotidiana para opinar, noticiar, caricaturar e polemizar. Tudo era motivo para se escrever ou ler. A novidade de Gutemberg, que desembarcou no país somente no século XIX, chegava ao Brasil com atraso, mas deixava para trás a insana política da metrópole portuguesa de isolamento da sua Colônia, modificando costumes e mentalidades, numa revolução cultural silenciosa que tensionava as relações entre os gêneros, criando para a nossa satisfação, oportunidades de expressão para as mulheres, no campo da leitura e da escrita.

¹ PINHO, Wanderley. **Salões e Damas do Segundo Reinado**. São Paulo, Livraria Martins Editora, s/d, p. 56.

² MARQUES, Xavier. **Vida de Castro Alves**. Rio de Janeiro, Topbooks; Salvador/Ba, Universidade Católica de Salvador / Academia de Letras da Bahia, 1997, p. 39.

³ MACHADO NETO, A. L., **Estrutura Social da República das Letras: sociologia da vida intelectual brasileira, 1870-1930**. São Paulo, Grijalbo/USP, 1973.

⁴ ALVES, Lizir Arcanjo. **Os Tensos Laços da Nação: conflitos políticos-literários no Segundo Reinado**. Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Letras e Lingüística/ UFBA. Salvador, 2000, p. 26.

⁵ Ver ALVES, Lizir Arcanjo, **Os Tensos Laços da Nação: conflitos políticos-literários no Segundo Reinado**, pp. 8-10.

- 6 Ibidem.
- 7 ALVES, Lizir Arcanjo. **Poesia e Vida literária na Bahia de 1890 a 1915**. Mestrado. Pós-Graduação em Literatura Brasileira / Letras Clássicas e Vernáculas da FFLCH/USP. São Paulo, 1986, pp. 6-7-11. A periodização proposta pela pesquisadora Lizir Arcanjo é conveniente no tocante à associação que faz entre vida literária e sociedade.
- 8 Utilizo o termo Norte, usual à época, para designar a região hoje denominada de Nordeste. Nos textos e documentos históricos o termo figura correntemente. ALVES, Lizir Arcanjo, **Os Tensos Laços da Nação**, op. cit., p. 15.
- 9 CALMON, Pedro. **História da Literatura Bahiana**. Salvador, Prefeitura Municipal de Salvador. Publicação Comemorativa do IV Centenário da Cidade, 1949, p. 187. Sobre as dramaturgas, p. 137.
- 10 DUARTE, Constância Lima. “Literatura Feminina e Crítica Literária”. In GAZOLLA, Ana Lúcia Almeida (org.). **A Mulher na Literatura**. Belo Horizonte, Imprensa da Universidade Federal de Minas Gerais, 1990, pp. 70-79.
- 11 SHOWALTER, Elaine. “A Crítica Feminista No Território Selvagem”. In HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). **Tendências e Impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro, Rocco, 1994, pp. 23-57. Cf. LEMAIRE, Rita. “Repensando A História Literária”. In. HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). **Tendências e Impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro, Rocco, 1994, pp. 58-71. Ver especialmente p. 64.
- 12 Estes nomes foram coligidos da antologia “**Mulheres Escritoras na Bahia: as poetisas, 1822-1918**”, organizada pela profa. Dra. em Letras, Lizir Arcanjo Alves. Esta coletânea, de grande valor documental para o historiador, é uma referência pioneira na investigação de muitas poetisas que atuaram no contexto em estudo. A produção das intelectuais baianas está, em boa parte, dispersa em periódicos da Bahia e do Brasil. Ver ALVES, Lizir Arcanjo (org.), **Mulheres Escritoras na Bahia**. Utilizei também, BRANDÃO, Izabel & ALVES, Ívia (org.).
- 13 NEVES, Maria Helena Franca. **De La Traviata ao Maxixe: variações estéticas da prática do Teatro São João**. Salvador, SCT, FUNCEB, EGBA, 2000, p. 71. O Teatro São João foi fundado em Salvador no ano de 1812 e destruído por incêndio em 1923. Ver, também, RUY, Afonso. **História do Teatro na Bahia (Séculos XVI-XX)**. Salvador, Livraria Progresso Editora, 1959.
- 14 FONTES, Nancy Rita Vieira. “De Leitora A Escritora: a trajetória intelectual de Anna Ribeiro”. In **Mulher & Literatura**. VII Seminário Nacional. Reis, Lívia de Freitas; Viana, Lúcia Helena; Porto, Maria Bernadette (orgs). Niterói, Rio de Janeiro, EDUFF, 1999, pp. 633-641. Ver BITTENCOURT, Anna Ribeiro de Góes. “O Romance. Às Senhoras Portuguesas e Brasileiras”. In **Novo Almanaque de Lembranças luso-brasileiro para o ano de 1886**. Lisboa, Antonio Maria Pereira, 1885. Sobre a tendência da prosa da escritora Amélia Rodrigues, ver o romance *Mestra e Mãe* (1898), que foi indicado para os colégios baianos como livro de leitura para as séries do nível primário na disciplina de Educação Moral e Cívica. *Mestra e Mãe* é considerado um romance de formação, onde ressalta um programa pedagógico de valorização da instrução feminina. ALVES, Ívia. **Amélia Rodrigues: itinerários percorridos**. Santo Amaro, Núcleo de Incentivo Cultural de Santo Amaro, 1998, pp. 111-116.
- 15 Ver ARAÚJO, Jorge de Souza, **Perfil do Leitor Colonial**. Ilhéus/Bahia. EDITUS – Editora da UESC, 1999, p. 191; e SILVA, Maria Beatriz Nizza da, op. cit., p. 122. Sobre a localização das livrarias consultar BITTENCOURT, Anna Ribeiro de Góes, op. cit., p. 300.
- 16 BORGES, Jafé & LEMOS, Gláucia. **Comércio Baiano: depoimentos para a sua história**. Salvador, Associação Comercial da Bahia, 2002, pp. 167-168. Ver **Catálogo N. 1. Catilina**, Casa Editora de Romualdo dos Santos. Rua Santos Dumont, n. 6. Bahia. **Livraria Catilina**. Romualdo dos Santos.

Catálogo, 1910. Rua Conselheiro Dantas, nº 21, Bahia. Os dois catálogos, raríssimos, foram encontrados na Biblioteca do CEDIC. Centro de Documentação da Clemente Mariani.

- ¹⁷ SILVA, Kátia Maria de Carvalho. **O Diário da Bahia e o século XIX**. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1979, p. 206. O Diário da Bahia surgiu no ano de 1856. Alguns estudiosos referem-se ao Diário como sendo o “decano da imprensa na Bahia”.
- ¹⁸ FRAGA, Myriam, *op. cit.*, p. 80; p. 62.
- ¹⁹ **Catálogo dos Livros à Venda na Casa do Livreiro Manuel Antônio da Silva Serva em 1811**. Manuel Antonio da Silva Serva era português e se instalou em Salvador desde os últimos anos do século XVIII, ARAÚJO, Jorge de Souza, *op. cit.*, p. 191.
- ²⁰ Alguns autores indicados pelo dr. José Lino Coutinho à sua filha, Cora Coutinho foram: Condorcet, D’Alembert, Montesquieu, Mirabeau e Voltaire; leituras do deputado e médico brasileiro. Segundo a avaliação de Jorge de Souza Araújo, a biblioteca do Dr. José Lino Coutinho representava, igualmente a muitas outras, o perfil de leituras brasileiras do século XIX, considerando a possível variedade e a especialização de títulos que os acervos privados podiam comportar. Ver ARAÚJO, Jorge de Souza, *op. cit.*, pp: 455-461.
- ²¹ Maria de Rabutin-Chantal, escritora francesa, ficou conhecida como Madame Sevigné (1626-1696). Tornou-se famosa pela correspondência trocada com os amigos e com a sua filha. Adepta do mundanismo, freqüentou festas e salões da sociedade da época, convivendo com os literatos e intelectuais. As suas cartas são um valioso testemunho dos costumes europeus do século XVII; George Sand (1804-1876), também uma intelectual francesa de renome, foi considerada uma personalidade feminina polêmica. Precursora dos movimentos feministas e adepta do socialismo, participou da Revolução de 1848. Produziu romances sociais, humanitários, eróticos, psicológicos e autobiografias. Deixou também uma correspondência, aonde é possível se reconstituir a vida do século XIX; Madame Stael ou Germaine Necker (1766-1817), francesa, anfitriã de um salão de políticos, publicou o ensaio *Sobre a Literatura e o romance Delphine*. Ver **Grande Enciclopédia Larousse Cultural**. São Paulo, Nova Cultural, 1998, 24 vol. Sobre as escritoras ver, respectivamente, v. 22, p. 5351; v. 21, p. 5216; v. 22, p. 5483.
- ²² Norma Telles faz uma interessante discussão sobre a influência do “idealismo humanitário” de George Sand nos poemas sociais da escritora carioca Narcisa Amália (1852-1924). Cf. TELLES, Norma. **Encantações: escritoras e imaginação literária no Brasil, século XIX**, *op. cit.*; pp. 336-340. Sobre a referência anterior ver PASSOS, Alexandre. “Academias e sociedades literárias nos séculos XVIII e XIX”, *op. cit.*, p. 15.